



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

Dados de atividade no Brasil e resultado do PIB da China concentram as atenções da semana

Na agenda doméstica, o mercado monitora os dados de atividade econômica de novembro para calibrar as expectativas para o desempenho do PIB do 4º trimestre de 2023. O IBGE divulga os resultados do setor de serviços e do varejo na terça (16) e na quarta (17), respectivamente, enquanto o Banco Central informa o índice IBC-Br, *proxy* mensal do PIB, na quinta (18). Após sinalizarem perda de força em outubro, os índices devem mostrar alguma melhora, beneficiados pelos eventos de final de ano e pelas promoções da *Black Friday*. O setor de serviços deve crescer 0,3%, devolvendo parte das quedas registradas nos últimos três meses, enquanto o varejo (ampliado) deve subir 0,6%, impulsionado por itens como móveis, eletrodomésticos e vestuário. Neste contexto, o IBC-Br deve mostrar alta de 0,1% no mês. Ainda assim, o índice deve deixar um carregamento estatístico de queda de 0,3% para o 4º trimestre, reforçando os sinais de desaceleração econômica ao longo do 2º semestre de 2023, além de aumentar a possibilidade de um PIB negativo no período.

Em relação à inflação, a FGV traz os primeiros números de 2024. A Fundação divulga o resultado do IGP-10 de janeiro na quarta-feira (17), que deve seguir mostrando pressão dos preços dos alimentos no atacado, compensado parcialmente por um comportamento ainda positivo dos produtos industriais. No mês, o indicador deve avançar 0,43%, mas se mantendo em deflação no acumulado em 12 meses, em -3,20% (ante -3,56%).

Na agenda internacional, destaque para a divulgação do PIB do 4º trimestre da China, que apesar das dificuldades recentes, deve fechar 2023 acima da meta de crescimento de 5%. O resultado será divulgado na noite de terça (16) e a expectativa é de uma alta de 5,3% no 4T23 (ante o mesmo período do ano anterior), acima do ritmo observado no 3T23 (+4,9%) e atingindo uma expansão acumulada de 5,2% em 2023. Parte do crescimento reflete a fraca base de comparação de 2022 (+3,0%), quando o país ainda adotava as rígidas políticas de restrição da mobilidade social decorrentes da pandemia da Covid-19. De toda forma, o país também tem adotado algumas medidas de estímulo, que têm contribuído para alguma melhora da atividade, apesar de serem consideradas tímidas e não alterarem a tendência de desaceleração, que deve prosseguir ao longo de 2024, em função dos problemas estruturais enfrentados pelo país (especialmente no setor imobiliário). Por fim, vale citar que além dos dados do PIB, no mesmo dia também serão divulgados os números do varejo e da indústria de dezembro.

Nos EUA, serão divulgados uma série de dados de atividade, que devem mostrar que a economia norte-americana seguiu em expansão no 4T23, embora com alguma desaceleração. Na quarta (17), saem os números da indústria e do varejo referentes a dezembro. O consenso aguarda uma alta de 0,4% nas vendas do varejo, reforçando a resiliência do consumo das famílias, enquanto a produção industrial deve ficar estável, fechando o ano sem ímpeto, como tem sido a tônica do setor em todo mundo ao longo de 2023, penalizado pela política monetária restritiva nas principais economias mundiais. Na semana, também serão divulgados dados do setor imobiliário de dezembro e as primeiras publicações referentes ao mês de janeiro, como o Livro Bege e a prévia da confiança do consumidor medida pela Universidade de Michigan.

Na Zona do Euro, a leitura final da inflação ao consumidor (CPI) de dezembro será conhecida na quarta (17), e deve mostrar que o índice fechou 2023 em 2,9%, bem abaixo da alta de 9,2% de 2022. O resultado deve aumentar a pressão para que o BCE inicie o processo de queda dos juros, diante da fraqueza da atividade na região. Além disso, vale notar que hoje cedo foi divulgado o resultado da produção industrial de novembro do bloco europeu, que caiu 0,3%, refletindo a fraca performance da indústria alemã (-0,7%), a de maior peso da região, que mostrou baixo dinamismo ao longo do ano e levou o PIB da maior economia da Zona do Euro a recuar 0,3% em 2023.

A próxima página traz o quadro completo da agenda de indicadores com as datas de divulgação e projeções de mercado.



INDICADORES DA SEMANA

NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
16/jan	IBGE: Pesquisa Mensal de Serviços (PMS)	Nov/23	0,3% m/m -0,4% a/a	-0,6% m/m -0,4% a/a
17/jan	IBGE: Pesquisa Mensal de Comércio (PMC)	Nov/23	0,6% m/m 2,7% a/a	-0,4% m/m 2,5% a/a
17/jan	FGV: IGP-10	Jan/24	0,43% m/m -3,20% a/a	0,62% m/m -3,56% a/a
18/jan	BCB: Índice de Atividade Econômica (IBC-Br)	Nov/23	0,1% m/m 1,9% a/a	-0,1% m/m 1,5% a/a

Fonte: Bloomberg e Trading Economics.

INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
15/jan	Zona do Euro	Produção Industrial	Nov/23	-0,3% m/m	-0,7% m/m
16/jan	China	PIB	4º tri/23	5,3% a/a	4,9% a/a
16/jan	China	Produção Industrial	Dez/23	6,7% a/a	6,6% a/a
16/jan	China	Vendas no varejo	Dez/23	8,0% a/a	10,1% a/a
17/jan	Zona do Euro	Inflação ao Consumidor (CPI)	Dez/23 – final	2,9% a/a	2,4% a/a
17/jan	EUA	Vendas no varejo	Dez/23	0,4% m/m	0,3% m/m
17/jan	EUA	Produção Industrial	Dez/23	0,0% m/m	0,2% m/m
17/jan	EUA	Livro Bege	-	-	-
18/jan	EUA	Construções de casas novas	Dez/23	-8,7% m/m	14,8% m/m
18/jan	EUA	Alvarás para novas construções	Dez/23	0,6% m/m	-2,1% m/m
19/jan	EUA	Vendas de casas existentes	Dez/23	0,3% m/m	0,8% m/m
19/jan	EUA	Confiança do Consumidor (Univ. Michigan)	Jan/24 – prévia	70,0 pts	69,7 pts

Fonte: Bloomberg.

ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

INDICADORES ECONÔMICOS

IPCA volta a encerrar o ano dentro do intervalo da meta

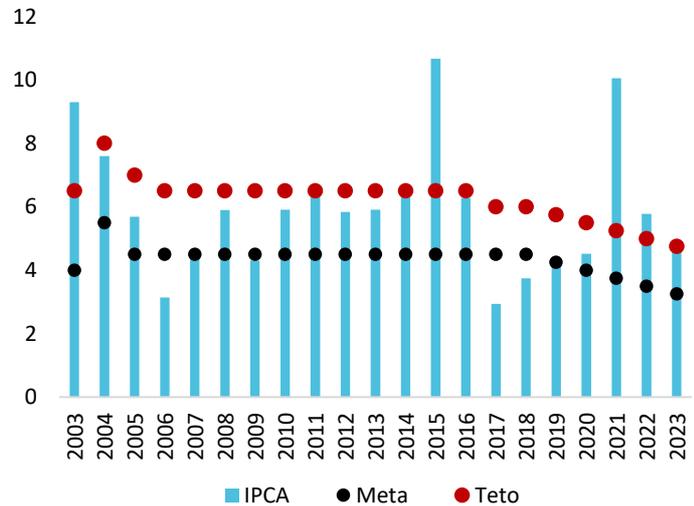
A inflação (IPCA) subiu 0,56% em dezembro, encerrando o ano de 2023 com alta acumulada de 4,62%. Como ponto positivo, a divulgação confirmou que o IPCA voltou a ficar abaixo do teto da meta (4,75%), após dois anos seguidos descumprindo o objetivo. Por outro lado, mostrou uma variação mensal acima das expectativas (+0,50%) e com um qualitativo um pouco pior do que o esperado. O resultado deve impor alguma cautela adicional em parte do mercado que esperava uma aceleração (para 0,75 pp) no ritmo de cortes da taxa Selic em algum momento neste ano.

No mês, o resultado acima das expectativas foi explicado, em boa parte, pela alta da alimentação no domicílio (+1,34%), pressionada pelas condições climáticas adversas, afetando especialmente os itens *in natura* e os cereais (arroz e feijão). A alimentação fora do domicílio também subiu (+0,53%), refletindo o período de férias. Outra alta importante veio dos bens industriais, como vestuário (+0,70%) e eletroeletrônicos (+1,36%), que devolveram os descontos da *Black Friday* de novembro. Também chamou atenção a aceleração dos serviços subjacentes (de 0,27% para 0,51%), e a quarta alta seguida das passagens aéreas (+8,87%).

No ano, o maior impacto veio do grupo transportes (+7,14%), com forte alta das passagens aéreas (+47,24%) e da gasolina (+12,09%), pressionada pela reoneração dos tributos federais e pelas alterações nas cobranças do ICMS – estas também pressionaram as tarifas de energia elétrica (+9,51%). Assim, os itens monitorados, que haviam recuado em 2022 (-3,83%), deram contribuição relevante para a inflação de 2023 (+9,12%).

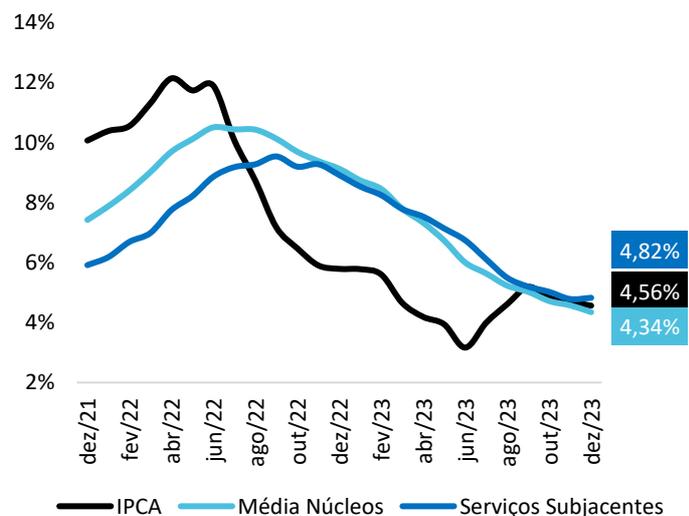
Na outra ponta, o grupo alimentação, de maior peso no índice, subiu apenas 1,03% e ajudou a conter a inflação do ano. O resultado foi beneficiado pela deflação dos alimentos no domicílio (-0,52%), reflexo da safra recorde e dos menores preços de importantes *commodities* agrícolas no mercado internacional, com destaque para a queda do preço das carnes (-9,38%). Outra contribuição importante para a acomodação da inflação no ano veio dos itens industriais, que passaram de 9,54% em 2022 para 1,09% em 2023. Este movimento foi beneficiado pela normalização das cadeias produtivas globais, com o fim da pandemia, pelo comportamento benigno do câmbio, além da queda da demanda por itens industriais (política monetária restritiva).

Quadro 1: IPCA – Var.% no Ano



Fonte: IBGE

Quadro 2: IPCA e Aberturas Seleccionadas – Var. % Acumulada em 12 meses



Fonte: IBGE.

Adicionalmente, os preços dos serviços também acomodaram no ano, especialmente os subjacentes (mais sensíveis à demanda), que passaram de 8,90% para 4,82%, respondendo aos efeitos da política monetária contracionista.

No geral, o IPCA perdeu fôlego pelo segundo ano seguido, mostrando uma inflação menos disseminada, dentro do intervalo da meta e com núcleos menos pressionados, permitindo que o BCB iniciasse o ciclo de corte de juros em agosto de 2023. Na margem, a leitura de dezembro mostrou alguma piora do indicador. Contudo, não deve alterar o plano de voo do Copom, que deve fazer novos cortes de 0,50 pp da taxa Selic ao longo deste 1º semestre.

Em relação à atividade, os números do setor automotivo de dezembro confirmaram o fraco ano do setor, que registrou queda de 2,0% da produção total de veículos em 2023. Em dezembro, a produção de veículos (de passeio, comerciais leves, caminhões e ônibus) subiu 2,7% na série com ajuste sazonal calculada pela Febraban, no entanto, insuficiente para impedir uma nova queda da produção no 4T23 (-3,5%) e no ano (-2,0%).

Em 2023, a queda da produção foi puxada pelos veículos pesados (ônibus e caminhões), que recuaram 37,5%. Por outro lado, houve ligeiro crescimento da produção de veículos de passeio e comerciais leves (+1,2%). Com o resultado, a produção totalizou 2,3 milhões de unidades no ano, nível 21,1% abaixo do período pré-pandemia (2019) e 37,4% inferior ao registrado em 2013 (recorde da série).

O fraco desempenho do setor no ano pode ser explicado pelo recuo das exportações (-16,0%), diante da queda das vendas para os países da região. Por outro lado, as vendas internas avançaram 9,7% em 2023. Porém, parte importante do crescimento (cerca de 40%) foi abastecido por veículos importados, cujas vendas subiram 28,7% no ano, liderados pelos modelos elétricos/híbridos. Já as vendas dos veículos nacionais avançaram 6,9%.

Para 2024, a Anfavea, entidade que representa as montadoras, prevê um crescimento de 6,2% da produção e de 6,1% das vendas internas, beneficiadas pela queda da taxa Selic e melhora do mercado de crédito. Contudo, as exportações devem seguir relativamente estagnadas (+0,9%), penalizadas pelo fraco desempenho do mercado argentino, que, por sinal, perdeu o posto de principal destino das vendas de veículos brasileiros para o México.

**Quadro 3: Aberturas IPCA
Var.% anual e impacto no ano**

	2022		2023	
	Var. (%)	Impacto (pp)	Var. (%)	Impacto (pp)
Livres	9,37%	6,82	3,13%	2,36
Aliment. no domicílio	13,21%	1,98	-0,52%	-0,08
Carnes	1,84%	0,05	-9,38%	-0,27
In natura	28,96%	0,54	4,94%	0,11
Industriais	9,54%	2,23	1,09%	0,26
Serviços	7,58%	2,61	6,22%	2,18
Serviços Subjacentes	8,90%	1,81	4,82%	1,01
Monitorados	-3,83%	-1,04	9,12%	2,26
Gasolina	-25,78%	-1,70	12,09%	0,56
Energia elétrica	-19,01%	-0,96	9,51%	0,37
IPCA	5,78%	-	4,62%	-

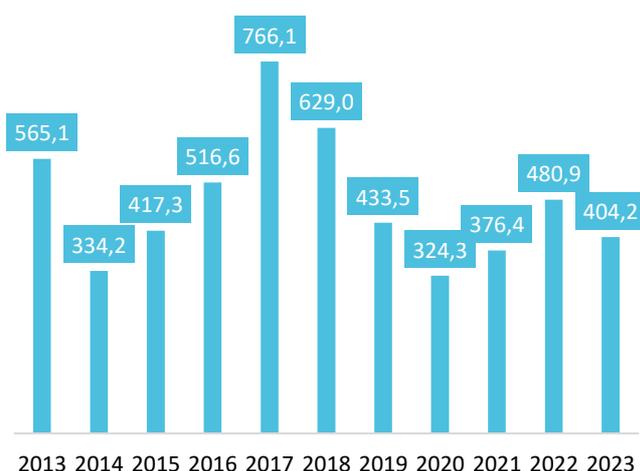
Fonte: IBGE

Quadro 4: Produção de Veículos e Licenciamentos no Mercado Doméstico – Em milhões de unidades



Fonte: Anfavea

**Quadro 5: Exportações Totais de Veículos
Em milhares de unidades**



Fonte: Anfavea

Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

Mercados ignoram riscos e seguem apostando em queda dos juros em março

O cenário internacional foi marcado na última semana pelo resultado acima do esperado da inflação ao consumidor (CPI) nos EUA e pelo aumento das tensões no Mar Vermelho, que levou o preço do barril de petróleo momentaneamente acima de US\$ 80 (tipo brent) no fim da semana. Contudo, ainda assim, os mercados voltaram a subir, impulsionados pela expectativa de que o Fed iniciará o movimento de queda das taxas de juros já a partir de março (2ª reunião do ano), em função dos dados de inflação no atacado (PPI) melhores do que o esperado. Também vale destacar que, durante a semana, foram divulgados os resultados dos bancos norte-americanos do 4º trimestre, que iniciaram a temporada de balanços corporativos ([ver pgs. 6 e 7](#)) nos EUA, e que, no geral, vieram piores do que o esperado, pressionados pelo pagamento de taxas e encargos para recompor o fundo de resgate utilizado nos casos de falência dos bancos SVB e Signature em março de 2023.

Nos EUA, o CPI subiu 0,3% em dezembro, um pouco acima do esperado (+0,2%) e do dado de novembro (+0,1%). A alta no mês foi sustentada tanto por itens que já vinham pressionando o indicador nos últimos meses, como aluguéis (+0,5%), veículos usados (+0,5%) e alimentação (+0,2%), como por aqueles que estavam em deflação nas leituras anteriores, como a gasolina (+0,2%). Com isso, o indicador fechou 2023 em 3,4%. Apesar da desaceleração no ano (fechou 2022 em 6,5%), o CPI segue acima da meta de 2,0% ao ano estipulada pelo Fed. Já o núcleo do indicador, que exclui itens voláteis como alimentos e energia, fechou o ano em 3,9% (ante 5,7% em 2022), mostrando uma desaceleração mais tímida, o que, a princípio, tende a levar o Fed a adotar uma postura mais cautelosa. Por outro lado, os preços ao produtor (PPI) tiveram deflação de 0,1% em dezembro, ante expectativa de alta (+0,1%), fechando 2023 com variação de apenas 1,0%, mantendo o otimismo da maioria dos agentes quanto ao início do ciclo de queda dos juros pelo Fed já em março.

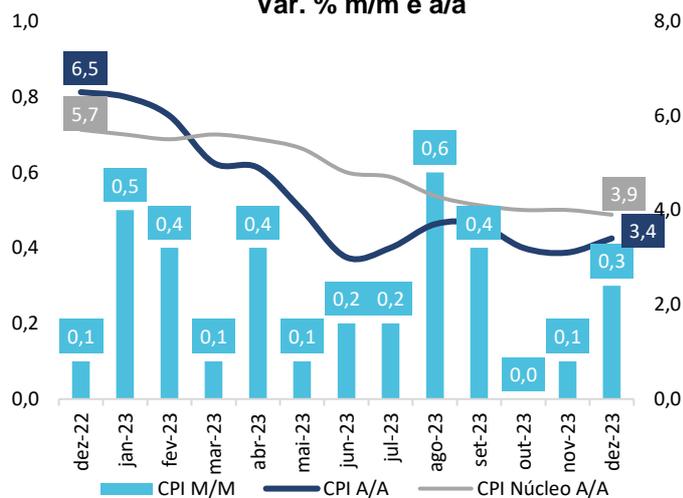
Na China, a balança comercial de dezembro veio melhor do que o esperado, embora mostrando números ainda modestos. As exportações subiram 2,3% (ante dez/22), acima do esperado (+1,6%), enquanto as importações ficaram praticamente estáveis (+0,2%) no mesmo comparativo. No âmbito da inflação, o CPI fechou 2023 em deflação de 0,3% (12 meses), enquanto o PPI registrou deflação de 2,7%. Em conjunto, os dados sugerem que há espaço para a adoção de novos estímulos no país.

Quadro 6: Preço do Barril de Petróleo (tipo brent) Em US\$



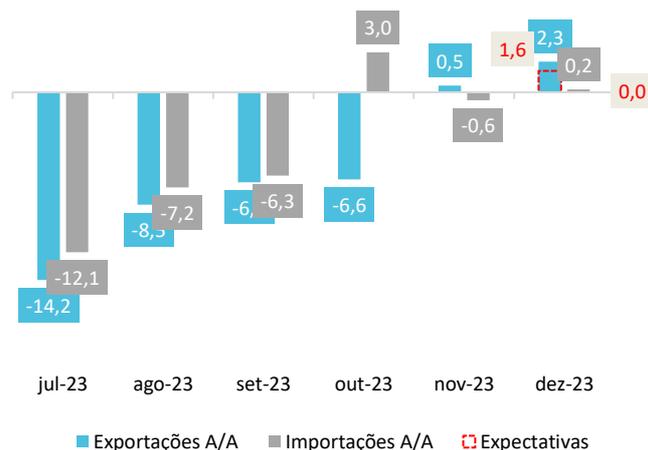
Fonte: Bloomberg.

Quadro 7: EUA – Inflação ao Consumidor (CPI) Var. % m/m e a/a



Fonte: Bloomberg.

Quadro 8: China – Exportações e Importações Var.% ante o mesmo mês do ano anterior



Fonte: Bloomberg.

Resultado Financeiro dos Bancos Norte-Americanos – 4º tri/23

CRÉDITO / BANCOS

Na última sexta-feira, os principais bancos de varejo dos EUA divulgaram seus resultados referentes ao 4º trimestre de 2023. As divulgações mostraram impactado relevante dos encargos pagos pelos bancos ao FDIC (*Federal Deposit Insurance Corporation*), o fundo que garante os depósitos bancários nos EUA, em função da quebra do Silicon Valley Bank e do Signature Bank em março de 2023. Do ponto de vista da receita, os bancos seguem se beneficiando das receitas advindas de juros (*interest income*) em um ambiente de taxas de juros elevadas. Já a deterioração da qualidade do crédito está em linha com o esperado, de acordo com as IFs.

Quadro 9: Indicadores Financeiros dos Principais Bancos dos EUA no 4º tri/23

Indicadores	JP Morgan	Citi	BofA	Wells Fargo
Lucro Líquido US\$ bi	9,3	-1,8	2,8	3,4
Lucro por Ação Divulgado / Ajustado* (expectativa)	3,04 / 3,97* (3,32)	-1,16 / 0,84* (0,81)	0,35 / 0,70* (0,68)	0,86 / 1,29* (1,17)
ROE anualizado (trimestre)	12,0%	-4,5%	4,3%	7,6%
Receita US\$ bi	39,9	17,4	22,0	20,5
Despesas com PDD US\$ bi (- = liberação de PDD)	2,8	3,5	1,1	1,3
Carteira de Crédito US\$ bi	1.323,7	689,4	1.053,7	936,7

JP MORGAN: O banco divulgou um lucro líquido de US\$ 9,3 bi (ou US\$ 3,32 por ação) no 4T23, que corresponde a quedas de 29,2% e 15,5% ante o 3T23 e o 4T22, nesta ordem. Contudo, o resultado foi bastante afetado pelo pagamento de US\$ 2,9 de encargos para cobrir a taxa especial com o FDIC. Sem tal efeito, o lucro líquido teria sido US\$ 12,2 bi, com alta de 10,9% ante o 4T22. De toda forma, o ROE (anualizado) caiu para 12,0%, recuando 6,0 pp no tri e 4,0 pp em 12 meses. No comparativo com o 4T22, as receitas voltaram a crescer de forma significativa (+12,3%) atingindo US\$ 39,9 bi, em linha com o esperado. O bom resultado segue puxado pelas receitas provenientes de juros (*interest income*), que subiram 43,4% no período.

Neste sentido, dentre os segmentos, o varejo foi o destaque com alta de 14,6%, representando quase metade das receitas do banco, com boa contribuição da subsidiária First Republic (banco regional adquirido em meio à crise bancária). Vale destacar que, segundo o CEO, Jamie Dimon, dos US\$ 50 bi de lucro anual, US\$ 4,1 bi vieram do banco regional. Do lado dos custos, a provisão para devedores duvidosos (PDD) foi de US\$ 2,8 bi no tri, avançando 21% ante o mesmo período de 2022. Houve gastos extras de PDD em US\$ 598 mi no período, em boa medida em função do crescimento de linhas mais arriscadas, como cartão de crédito. As despesas operacionais também cresceram bastante em 12 meses, subindo 28,7% (ou 24,7% sem o First Republic), em meio a salários mais altos para a área comercial e de tecnologia. Por fim, a carteira de crédito do JP, a maior dos EUA, atingiu US\$ 1.323,7 bi, subindo 16,6% em um ano, contando com o efeito da incorporação do banco First Republic.

CITI: a IF registrou prejuízo de US\$ 1,8 bi (ou US\$ -1,16 por ação) no trimestre, em meio a uma série de despesas extraordinárias: US\$ 1,7 bi de custos com o FDIC; aumento da PDD em US\$ 1,3 bi relacionados as operações da Rússia e Argentina; US\$ 880 mi de impacto da desvalorização do peso argentino; e, US\$ 780 mi relacionado à reestruturação da operação do banco. No total, tais itens totalizaram US\$ 4,7 bi em perdas para o Citi no trimestre. Segundo a instituição, tirando tais eventos, o lucro por ação teria ficado em US\$ 0,84.

Ainda assim, os dados recorrentes também não empolgaram. A receita da IF foi de US\$ 17,4 bi, queda de 3,1% ante o 4T22, com perdas nas operações de renda fixa. Do lado positivo, os segmentos de banco de investimento (+22,0%) e *personal banking* (+12,1%) tiveram aumento das receitas. Já a PDD atingiu US\$ 3,5 bi com os problemas já citados, o maior nível desde o período da pandemia (2T20). Por fim, a carteira de crédito do Citi subiu 4,9% e atingiu US\$ 689,4 bi ao final de 2023.

Resultado Financeiro dos Bancos Norte-Americanos – 4º tri/22

BofA: O Bank of America divulgou um lucro líquido de US\$ 3,1 bi (US\$ 0,35 por ação) no 4T23, equivalente a uma queda de 61,0% no tri e de 60,2% em 12 meses. Assim como seus pares, também houve impacto das taxas pagas ao FDIC, no valor de US\$ 2,1 bi. Além disso, o BofA também reportou perda no valor de US\$ 1,6 bi com a transição da saída do banco do sistema Libor. Sem tais efeitos, o resultado do lucro por ação teria sido de US\$ 0,70, ligeiramente acima do esperado (US\$ 0,68).

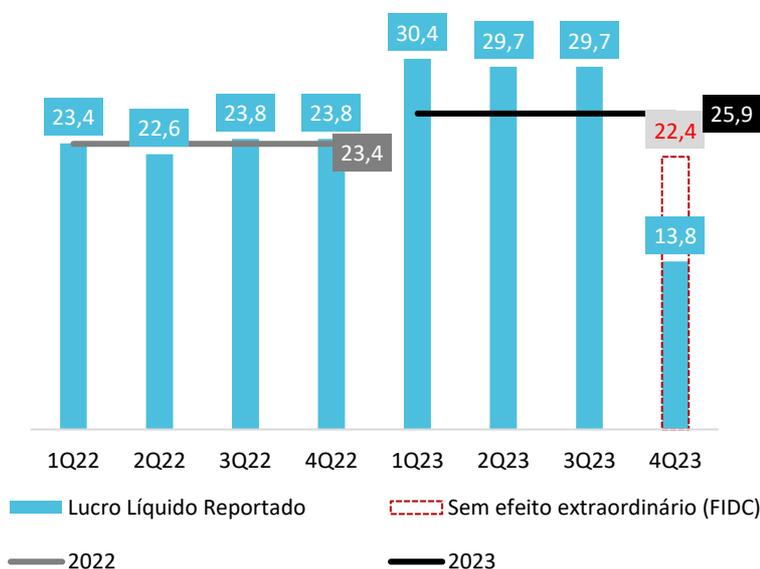
Já as receitas líquidas de juros atingiram US\$ 22,0 bi no trimestre, registrando queda de 10,5% em um ano, mesmo com o bom desempenho das receitas com juros (+42,1%). O maior impacto veio justamente das despesas citadas acima, que foram lançadas como despesas de juros. Do lado das despesas, a PDD segue controlada, subindo apenas 1,1% ante o 4T22 e atingindo US\$ 1,1 bi. Já as despesas operacionais subiram 14,1% no mesmo período. A carteira de crédito do BofA atingiu US\$ 1.053,7 bi, praticamente estável (+0,8%) ante o 4T22.

WELLS FARGO: O banco registrou um lucro líquido de US\$ 3,4 bi no 4º tri, que corresponde a queda de 40,2% no trimestre e alta de 9,2% em 12 meses. O impacto dos encargos relacionados ao FDIC foram de US\$ 1,9 bi (US\$ 0,40 por ação). Outros itens extraordinários lançados no resultado foram: o impacto negativo de US\$ 969 (US\$ 0,20) em despesas de rescisão e o impacto positivo de US\$ 621 mi (US\$ 0,17) de benefícios fiscais. Com isso, o lucro por ação ficou em US\$ 0,86, mas se ajustado aos fatores acima, ficou em US\$ 1,29, acima do esperado (US\$ 1,17). Vale notar que mesmo com o impacto dos encargos relacionados ao FDIC, o banco conseguiu melhorar o seu ROE anualizado no comparativo 12 meses, atingindo 7,6% (ante 7,1%), embora tenha havido queda relevante no trimestre (-5,7 pp).

A receita da IF atingiu US\$ 20,5 bi, pouco acima do esperado (US\$ 20,3 bi) e com alta de 2,2% ante o 4T22. O desempenho foi puxado pelo banco de investimento (+14,4%) e pelo segmento de crédito para as empresas (+7,0%), ambos beneficiados pelas maiores taxas de juros. O segmento mais relevante do banco, o varejo ao consumidor (46% da receita total) viu sua receita subir apenas 0,6% em 12 meses, impactado pelo menor volume de depósitos. A PDD ficou em US\$ 1,3 bi no trimestre, subindo 34,0% em um ano, com alta nas provisões de cartão de crédito e empréstimos imobiliários. Por fim, a carteira de crédito do banco recuou 2,0% no ano, fechando 2023 em US\$ 936,7 bi.

O Quadro 10 mostra a evolução do lucro líquido consolidado dos 4 maiores bancos de varejo dos EUA (JP Morgan, BofA, Wells Fargo e Citi), que atingiu US\$ 13,8 bi no 4T23. O resultado representa um recuo de 53,7% no trimestre e de 42,2% em 12 meses, influenciado pelo pagamento de US\$ 8,6 bi em encargos ao FDIC. Sem tal efeito, o lucro líquido teria sido de US\$ 22,4 bi no 4T23, com quedas mais contidas no trimestre (-24,8%) e em 12 meses (-6,1%). Ainda assim, vale notar que o resultado também foi impactado por outros eventos extraordinários, reportados especialmente pelo Citi e o BofA. De toda forma, mesmo com a queda do lucro no 4T23 (por conta dos fatores citados), na média de 2023, o lucro consolidado dos 4 bancos superou o observado em 2022, refletindo o avanço das receitas no período.

Quadro 10: Lucro Líquido dos 4 maiores bancos de varejo dos EUA – Em US\$ bilhões



Fonte: Balanço dos Bancos. Elaboração: Febraban.

Relatório Mensal da Caderneta de Poupança – Dez/23

CRÉDITO / BANCOS

A caderneta de poupança registrou captação líquida de R\$ 13,8 bilhões em dezembro, segundo dados do Banco Central do Brasil (BCB). A entrada de recursos na modalidade é comum no mês, em função do recebimento do 13º salário pelos trabalhadores da iniciativa privada. De toda forma, o ingresso de recursos em 2023 superou os valores de 2021 (R\$ 8,5 bi) e de 2022 (R\$ 6,5 bi), já ajustados pelo IPCA, embora tenha ficado abaixo da média dos anos de 2016 a 2020 (R\$ 21,6 bi).

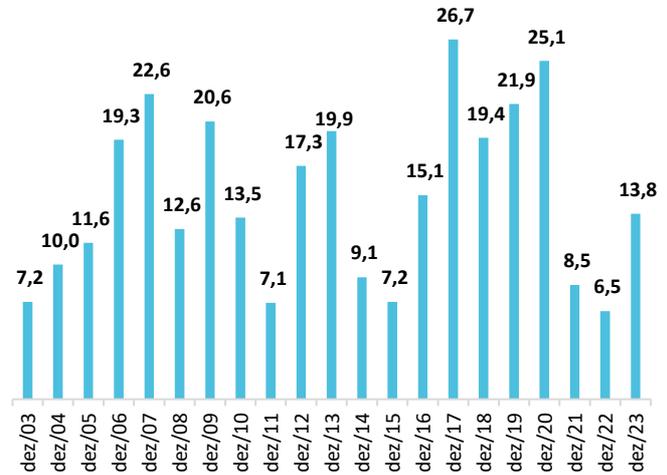
Contudo, o resultado positivo de dezembro não foi suficiente para reverter a sequência de retiradas líquidas de recursos observada na modalidade ao longo do ano, resultando em uma saída de R\$ 87,8 bi (ou 0,8% do PIB) em 2023. Este foi o terceiro ano consecutivo de resgates na caderneta, após o recorde de ingresso de recursos em 2020 (equivalente a 2,2% do PIB), beneficiado na ocasião pelas medidas de estímulo implementadas na pandemia. Porém, vale notar que houve algum arrefecimento da retirada de recursos na caderneta a partir do 2º semestre, levando a um número um pouco melhor do que o registrado em 2022, quando as saídas de recursos foram equivalentes a 1,0% do PIB (pior resultado da série).

Este cenário de perda de recursos da caderneta pode ser explicado tanto por questões conjunturais, como a alta taxa Selic, que torna outras formas de investimento mais atrativas (como os CDBs e LCA/LCIs); assim como estruturais, como o maior acesso da população a outros produtos de investimentos mais rentáveis (através das plataformas de investimento).

A migração de recursos para outras modalidades mostra que o sistema financeiro nacional segue sem problemas do ponto de vista de liquidez, mas tal alteração pressiona o *funding* destinado ao crédito imobiliário, dado que 65% dos recursos da caderneta são direcionados para tal modalidade de crédito. E, diante de tal cenário, as IFs estão tendo que recorrer a outras fontes de *funding*, como as LCIs, cujo custo é maior.

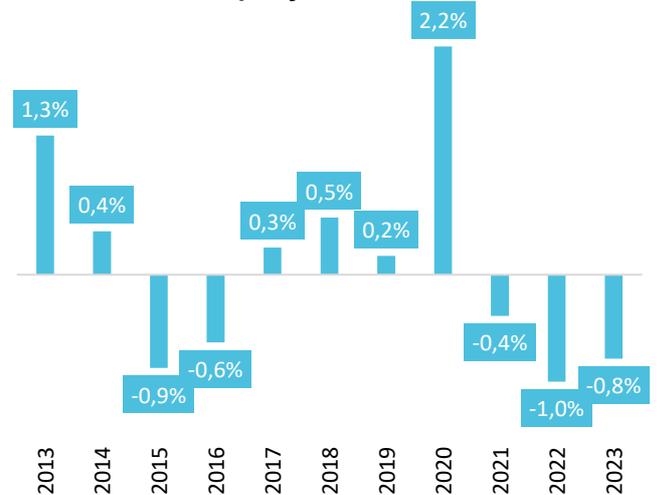
Uma possível solução no curto prazo seria a redução das alíquotas compulsórias sobre a caderneta de poupança, que hoje estão em 20%, liberando liquidez (de baixo custo) para as IFs. Adicionalmente, para o médio/longo prazo é importante que o órgão regulador e os agentes do mercado pensem em aperfeiçoamentos e alternativas ao uso da caderneta como fonte de *funding* para o imobiliário.

Quadro 11: Captação Líquida da Caderneta de Poupança Meses de Dezembro - Em R\$ bi (IPCA de dez/23)



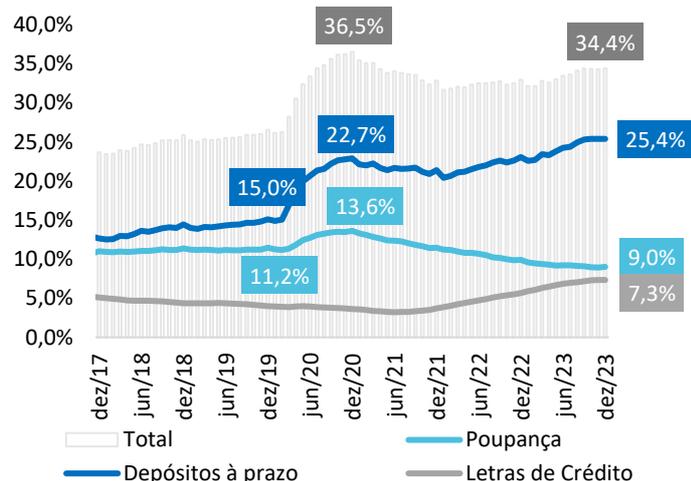
Fonte: Bacen.

Quadro 12: Captação Líquida anual da Caderneta de Poupança - Em % do PIB



Fonte: Bacen.

Quadro 13: Saldo da Caderneta de Poupança, Depósitos à prazo e Letras de Crédito - Em % do PIB



Fonte: Bacen.



MERCADOS E EXPECTATIVAS

FOCUS – Indicadores Selecionados	2024				2025			
	12/01/24	12/01/24	15/12/23	Viés	12/01/24	05/01/24	15/12/23	Viés
IPCA (%)	3,87	3,90	3,93	▼	3,50	3,50	3,50	↔
PIB (% de crescimento)	1,59	1,59	1,51	↔	2,00	2,00	2,00	↔
Meta Selic - fim do ano (% a.a.)	9,00	9,00	9,25	↔	8,50	8,50	8,50	↔
Taxa de Câmbio - fim do ano (R\$/US\$)	4,95	5,00	5,00	▼	5,00	5,00	5,08	↔

Fonte: Banco Central do Brasil

Indicadores do Mercado	12/01/24	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
NACIONAL					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	4,85	-0,44%	-0,06%	-0,06%	-4,83%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	128,85	-8,94%	-2,73%	-2,73%	-47,37%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	11,48	-1,05%	-1,41%	-1,41%	-15,92%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	10,05	-0,04%	0,10%	0,10%	-24,99%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	10,17	-0,42%	0,94%	0,94%	-16,16%
Índice Ibovespa (em pontos)	130.987,67	-0,78%	-2,38%	-2,38%	17,11%
IFNC (setor financeiro)	13.474,12	-1,00%	-2,39%	-2,39%	28,79%
INTERNACIONAL					
Fed Funds (% a.a.)	5,50	0,00%	0,00%	0,00%	22,22%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	4,14	-5,40%	-2,49%	-2,49%	-0,01%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	3,94	-2,64%	1,54%	1,54%	14,51%
Dollar Index	102,40	-0,01%	1,06%	1,06%	0,15%
Índice S&P 500 (em pontos)	4.783,83	1,84%	0,29%	0,29%	20,10%
Índice de ações de bancos – EUA	105,01	-2,04%	-4,12%	-4,12%	-10,50%
Índice Euro Stoxx 50	4.480,02	0,37%	-0,92%	-0,92%	8,56%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	118,84	-2,81%	0,41%	0,41%	13,32%
Barril de Petróleo - tipo Brent (US\$)	78,29	-0,60%	1,62%	1,62%	-6,83%

Fonte: Bloomberg

Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos
economia@febraban.org.br

Rubens Sardenberg
 Jayme Alves
 Luiz Fernando Castelli
 Daniel Casula
 João Vítor Siqueira